

# AQUISIÇÃO FONOLÓGICA DO PORTUGUÊS: UM ESTUDO LONGITUDINAL

## *PHONOLOGICAL ACQUISITION OF PORTUGUESE: A LONGITUDINAL STUDY*

Raquel Márcia Fontes MARTINS<sup>1</sup>

Lara Fernandes MARIANO<sup>2</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar a aquisição da linguagem por uma criança (de 11 meses e 3 dias a 1 ano 9 meses e 15 dias) com desenvolvimento típico, em um estudo longitudinal. Em específico, avalia-se a aquisição sonora dessa criança. Foram realizados estudos com enfoque na aquisição fonológica do Português Brasileiro (PB) e estratégias de reparo comumente utilizadas por crianças em aquisição (LAMPRECHT, 2004; KAIL, 2013). Para proceder a esta pesquisa, foram realizadas gravações periódicas de áudio-vídeo no ambiente familiar da criança, com o envolvimento dos pais e de pessoas próximas, para que a criança se sentisse à vontade para produzir os sons de forma natural e espontânea. Também foi utilizado um diário de campo, para anotar observações sobre habilidades e o comportamento da criança durante as coletas. A partir da pesquisa, após a fase do balbúcio, constatou-se uma cronologia de aquisição sonora na seguinte ordem: aquisição de vogais, de consoantes nasais, de consoantes plosivas e, por fim, de consoantes fricativas.

**Palavras-chave:** Aquisição da Linguagem. Aquisição Fonológica. Estudo Longitudinal.

**Abstract:** This study aims to analyze the language acquisition by a child (from 11 months and 3 days to 1 year 9 months and 15 days) with typical development in a longitudinal study. Specifically, the child's sound acquisition is evaluated. The studies were conducted with focus on the phonological acquisition of Brazilian Portuguese (PB) and repair strategies commonly used by children in acquisition (LAMPRECHT, 2004; KAIL, 2013). To carry out this research, periodic audio-video recordings were performed in the child's family environment with the involvement of parents and close people, so that the child felt comfortable to produce the sounds naturally and spontaneously. Also, a field diary was used to record observations on the child's skills and behavior during collections. From the research, it was verified a chronology of sound acquisition. In this way, the child first presents the babble, then the acquisition of the vowels, the nasal consonants, the plosive consonants, and finally the fricative consonants.

**Keywords:** Language Acquisition. Phonological Acquisition. Longitudinal Study.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; [raquelfontesmartins@gmail.com](mailto:raquelfontesmartins@gmail.com); <http://orcid.org/0000-0003-0321-3848>

<sup>2</sup> Universidade Federal de Lavras (UFLA), Lavras, Minas Gerais, Brasil; [larinha.mariano@hotmail.com](mailto:larinha.mariano@hotmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-4776-9963>

## Introdução

Os primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem começaram no século XIX, quando a literatura aponta linguistas e filósofos que registravam a fala espontânea de seus próprios filhos com a finalidade de realizar pesquisas. Esses estudiosos, providos não só pelo interesse parental, mas também pelo interesse profissional, ficaram conhecidos como “diaristas”. Desde então, esses estudos que buscam acompanhar o desenvolvimento da fala da criança podem ser realizados de duas formas: a longitudinal e a transversal. A pesquisa transversal envolve um número maior de crianças e as coletas de dados são realizadas em tempo dilatado. Já os trabalhos do tipo longitudinal analisam o processo de aquisição ao longo do tempo com número menor de indivíduos, assim como faziam os diaristas (SCARPA, 2012).

O interesse em realizar essa pesquisa se deu a partir do nascimento da filha de uma das pesquisadoras. Este estudo foi realizado entre os 11 meses e 1 ano e 9 meses de idade de Maria (nome fictício) que apresenta desenvolvimento típico de fala. Assim, o trabalho presente configura-se como um estudo de caso e tem como objetivo central estudar o desenvolvimento típico da fala de uma criança falante do português brasileiro (PB), por meio de uma pesquisa longitudinal. Objetiva-se analisar as principais produções sonoras realizadas pela criança no período dos dez meses avaliados, observando-se uma cronologia de aquisição (OLIVEIRA *et al.*, 2004). Com este trabalho, espera-se contribuir para os estudos da área de aquisição da linguagem, especialmente, da aquisição fonológica do PB.

Neste artigo, as seções seguintes tratam dos tópicos: algumas questões teóricas importantes na aquisição da linguagem; a aquisição fonológica do português e as estratégias de reparo realizadas pela criança em aquisição; a metodologia utilizada no estudo; a análise dos dados obtidos e as considerações finais deste trabalho.

### **Aquisição da linguagem, aquisição fonológica do PB e estratégias de reparo**

A aquisição da linguagem é um tema que causa muitas curiosidades entre os estudiosos e leigos que procuram entender como esse processo complexo ocorre em um curto período da vida da criança. Em termos gerais, Scarpa (2012, p. 243) afirma que

A Aquisição da Linguagem é, pelas suas indagações, uma área híbrida, heterogênea ou multidisciplinar. No meio do caminho entre teorias linguísticas e psicológicas, tem sido tributária das indagações advindas da Psicologia (do Comportamento, do Desenvolvimento, Cognitiva, entre outras tendências), da Linguística. No entanto, na contramão, as questões suscitadas pela Aquisição da Linguagem, bem como os problemas metodológicos e teóricos colocados pelos próprios dados aquisicionais, têm, não raro, levado tanto a Psicologia (sobretudo a Cognitiva) e a própria Linguística a se repensarem e renovarem. Por isso é que se diz que a Aquisição da Linguagem tem sido uma arena privilegiada de discussão teórica tanto da Linguística quanto da Psicologia Cognitiva, como também das Neurociências.

Ainda de acordo com a autora, os estudos sobre a aquisição da linguagem devem ser divididos em subáreas específicas para cada tema. Como, por exemplo, a aquisição da língua materna de crianças com o desenvolvimento típico ou atípico, como, também, a aquisição de segunda língua e a aquisição da escrita (SCARPA, 2012). Este trabalho irá contemplar as principais teorias que fundamentam os estudos da aquisição da linguagem com foco na aquisição fonológica típica – desenvolvimento de fala considerado normal. Nas palavras de Lamprecht (2004, p. 24), “desenvolvimento linguístico adequado à idade cronológica em termos de compreensão e produção de linguagem nos níveis sintático, semântico, morfológico e pragmático.”

Sim-Sim (2017, p. 18) afirma que “o processo de aquisição da linguagem pela criança é intrigante para qualquer adulto que, no convívio direto com uma criança, se apercebe da facilidade e da rapidez com que a mesma apreende e domina a língua.”. Nesse sentido, Grolla e Silva (2014, p. 36) afirmam que, “entre o nascimento e os 5 anos de idade, ela se torna falante proficiente de sua língua, uma coisa que nós, em qualquer idade depois de adultos, não conseguimos nem com muita dedicação!”. Além disso, a criança adquire a fala ao mesmo tempo em que desenvolve habilidades cognitivas e relações sociais (KAIL, 2013).

Sendo assim, a criança apresenta uma evolução extraordinária no que diz respeito ao seu processo de aprendizagem. Lamprecht (2004, p. 28) pondera que “o bebê percebe a pausa rítmica e entonacional da fala desde a vida intra-uterina; o feto ouve a voz da sua mãe e de outros falantes presentes no ambiente, do mesmo modo como também ouve músicas”. De acordo com Kail (2013), entre o primeiro e o quarto mês do bebê, ele é capaz de diferenciar fonemas (/ba/, /pa/) e, com seis meses, consegue discriminar /p, t, k/ de /b, d, g/. Ainda conforme a autora,

A percepção das vogais parece ser precocemente afetada pelas restrições da língua materna. A partir dos 6-8 meses, os bebês anglófonos não distinguem mais os contrastes vocálicos ausentes na sua língua. O espaço vocálico estaria estabelecido ao redor dos 10 meses, e os repertórios consonânticos de crianças de diferentes comunidades linguísticas se diferenciam progressivamente entre 11 e 13 meses. (KALL, 2013, p. 28).

Com um ano de idade, a criança inicia a produção de suas primeiras palavras. Tais palavras, geralmente, nomeiam objetos de costume da criança como, por exemplo, “mamãe”, “papai”, “auau” etc. Já com um ano e meio, as crianças começam a fazer combinações com palavras isoladas e, nessa mesma idade, o seu vocabulário aumenta a cada dia, pois elas aprendem palavras novas a todo momento (GROLLA; SILVA, 2014).

A partir da reflexão e da curiosidade de conhecer profundamente como o processo de aquisição da linguagem acontece, diversos teóricos (SKINNER, 1957; CHOMSKY, 1959; PIAGET, 1976; VYGOTSKY, 1993) se ocuparam em estudar esse processo, geralmente, em propostas de base inatista ou social (CEZARIO; MARTELOTTA, 2017). Deve-se destacar que este trabalho tem como referência propostas sociointeracionistas que consideram que “a linguagem é atividade constitutiva do conhecimento de mundo pela criança” (SCARPA, 2012, p. 218), e que a interação social e a atividade comunicativa da criança com seus interlocutores é essencial ao processo de aquisição. No sociointeracionismo, além de se observar o desenvolvimento linguístico da criança, consideram-se também habilidades ou outras formas de desenvolvimento, como, por exemplo, os desenvolvimentos sociocognitivo e motor.

Ressalta-se que este trabalho tem como referência também Modelos baseados no Uso em Aquisição (FERRARI, 2011; BYBEE, 2001). Esses modelos propõem que a estrutura linguística emerge do uso, da experiência. Considera-se que a aquisição da linguagem ocorre por meio de habilidades que não são exclusivas da língua, mas que fazem parte de qualquer forma de aquisição ou aprendizagem, como as habilidades de categorização e generalização (BYBEE, 2001). Esses modelos também propõem que a aquisição ocorre de forma gradual, ou seja, a criança não realiza a pronúncia alvo em sua primeira produção, mas vai adquirindo gradualmente essa pronúncia

Passando a tratar da aquisição fonológica do português brasileiro, ressalta-se que os estudos nessa área ganharam destaque nas últimas décadas no Brasil. A primeira faculdade a ofertar uma disciplina sobre os estudos de aquisição da linguagem foi a PUC do Rio Grande do Sul (PUCRS) na década de 80, onde também foram realizadas as primeiras coletas de dados da fala. Além disso, as primeiras coletas aconteceram apenas



com crianças que apresentavam desvios fonológicos, o que mais tarde foi observado por Mehmet Yavas, em 1983, que, para estudar as crianças com desvios na fala, era necessário estudar primeiro as crianças com desenvolvimento considerado normal (LAMPRECHT, 2004).

A partir disso, vários autores têm contribuído de forma significativa para os estudos de aquisição fonológica do português com o intuito de fornecer parâmetros que fomentam essa área de pesquisa. Lamprecht *et al.* (2004), por exemplo, no livro *Aquisição Fonológica do Português*, reúnem trabalhos de pesquisadores que se propuseram a estudar o percurso da aquisição dos segmentos do português. Sendo assim, o trabalho apresenta um detalhamento do desenvolvimento de diferentes aspectos sonoros: a aquisição das vogais; a aquisição das plosivas e nasais; a aquisição das fricativas; a aquisição das líquidas; a aquisição do núcleo complexo, da coda e, por fim, a aquisição do *onset* complexo.

Essas pesquisas foram embasadas em dados coletados da fala de centenas de crianças na faixa etária de 1 a 7 anos de idade por meio de estudos transversais e longitudinais. No capítulo “Cronologia da Aquisição dos Segmentos e das Estruturas Silábicas”, os autores reuniram os resultados dessas pesquisas em um quadro, a fim de mostrar uma cronologia da aquisição dos fonemas do português separados por classes de sons, em diferentes posições silábicas. O Quadro 1, a seguir, foi retirado do capítulo mencionado com o intuito de demonstrar essa proposta de cronologia de aquisição fonológica do português brasileiro, baseada nas pesquisas com as crianças citadas. O quadro apresenta a aquisição sonora em cada faixa etária considerada nas pesquisas. Desse modo, verifica-se, por exemplo, que, com 1 ano e 2 meses, a criança adquire a vogal [a]. Já com um 1 e 4 meses, a criança adquire, além de [a], as vogais [u, e, o, i, a]. Com 1 ano e 6 meses, além dos sons vocálicos anteriores, a criança adquire as consoantes [p, b, t, m, n]. E assim, sucessivamente, em cada faixa etária.

Quadro 1. Cronologia de Aquisição Fonológica do Português Brasileiro

posição na palavra faixa etária	vogais	plosivas, nasais e africadas			fricativas					líquidas			
	núcleo	onset (absoluto e medial)	coda final	coda medial	onset absoluto	onset medial	coda final	coda medial	onset absoluto	onset medial	onset complexo	coda final	coda medial
1:2	a												
1:3	u, i, a												
1:4	u, e, o, i, a											j**	
1:6	u, e, o, i, a	p, b, t, d, m, n											l
1:7	ɔ, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, m, n, ɲ	n***										l
1:8	ɔ, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ	n		v	v							l
1:9	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ	n		f, v	f, v							l
2:0	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ	n		z, f, v	f, v, s, z							l
2:2	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ*	n	n	z, f, v	f, v, s, z							l
2:6	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, s, z	s						l
2:8	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, s, z	s		l				l
2:10	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, s, z	s		l				l
3:0	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, s, z	s	s	l	l		l	l
3:4	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, s, z	s	s	l, R	l, R		l	l
3:6	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	l, R		l	l
3:8	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	l, R		l	l
3:10	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	l, R		l, r	ɛ, l
4:0	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	ɛ, R, ɛ, l		l, r	ɛ, l
4:2	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	ɛ, R, ɛ, l		l, r	ɛ, l
5:0	ɔ, e, u, e, o, i, a	p, b, t, d, k, g, m, n, ɲ, tʃ, dʒ	n	n	ʃ, s, ʒ, z, f, v	f, v, ʃ, ʃ, s, z	s	s	l, R	ɛ, R, ɛ, l	l, r	l, r	ɛ, l

\* tʃ, dʒ não são fonemas, são alofonos do português.    \*\* a coda com /l/ é realizada como [w]    \*\*\* a coda final com /N/ é realizada como ditongo nasalizado

Fonte: Oliveira *et al.* (2004, p. 171)

Ressalta-se que essa proposta de cronologia de aquisição fonológica do português brasileiro será considerada no estudo longitudinal aqui empreendido. Este trabalho irá cotejar tal proposta e o desenvolvimento fonológico da criança avaliada, em relação a classes de sons e estruturas silábicas.

Lamprecht (2004, p. 22-23) afirma que, para saber se uma estrutura silábica ou um segmento foi adquirido, de fato, pela criança, “é necessário ter-se um critério de proporção de acertos de produção a partir do qual essa afirmação possa ser feita.” Sendo assim, a autora se apoia em estudos que consideram que determinado som foi adquirido se a criança apresentar uma porcentagem de 80 a 86% de produções corretas de determinado som (LAMPRECHT, 2004).

Além disso, a pesquisadora explica quatro tópicos básicos que devem ser considerados ao observar como a criança aprende a falar. Em primeiro lugar, a autora afirma que as *variações individuais* entre crianças da mesma idade podem ser um tanto amplas no que diz respeito ao seu domínio dos segmentos presentes nessa aquisição (LAMPRECHT, 2004).

Mesmo com essa variação, como Menn e Stoel-Gammon (1997 *apud* TORETI; RIBAS, 2010, p. 3) afirmam, “parece haver um determinado padrão na ordem de domínios dos fonemas, já que a maioria das crianças apresenta [...] a mesma ordem de aquisição, aproximadamente com a mesma idade”. Ou seja, embora haja variação interindividual na aquisição, a maioria das crianças apresenta um padrão na ordem de aquisição.

O outro aspecto importante que, segundo Lamprecht (2004), deve ser considerado para os estudos fonológicos em aquisição, são as *regressões no desenvolvimento fonológico* infantil. Conforme Bonilha (2004a, p. 204), por meio de uma pesquisa realizada com coletas de dados de fala, os resultados mostraram que esses dados “flutuam dentro de um determinado limite, o que corresponde pelas regressões encontradas”. Nesse sentido, Lamprecht (2004, p. 26) afirma que

[...] a evolução – tanto do domínio dos segmentos como no das estruturas silábicas – desde o estado inicial da aquisição em direção ao estado final, quando o sistema está compatível com o alvo-adulto, não é constante, num movimento linear, mas sim com discontinuidades. A variabilidade individual determina se essas regressões no desenvolvimento de uma certa criança são desprezíveis, passando despercebidas, ou se são importantes, com picos de baixas porcentagens de produção correta interferindo ao longo da linha evolutiva. (LAMPRECHT, 2004, p. 26).

Sendo assim, essas regressões devem ser consideradas naturais no desenvolvimento fonológico. Além desse aspecto, Lamprecht (2004) destaca o *conhecimento fonológico* subjacente da criança. A autora afirma que não é sempre que

[...] a criança pequena manifesta todo o conhecimento, toda a sua capacidade na produção da fala. Em outras palavras, é possível que a criança saiba mais do que os interlocutores – os adultos e outras crianças com que interage – podem perceber. Numa observação minuciosa, encontraremos, às vezes, evidências que apontam para a representação subjacente existente na mente da criança, porém não-evidenciada na fala. (LAMPRECHT, 2004, p. 30).

Um importante tópico destacado por Lamprecht (2004) como fundamental para se entender a aquisição fonológica são as *estratégias de reparo* utilizadas pela criança em aquisição. Essas estratégias são abordadas a seguir e, à frente, são focalizadas na análise dos dados coletados nesta pesquisa.

As *estratégias de reparo* ou *processos fonológicos* são mecanismos naturais que as crianças desenvolvem a partir da necessidade de produzirem algum som que não dominam completamente ou não tenham conhecimento. A Fonologia Natural, que tem como um dos principais influentes os estudos de Stampe (1973), considera que essas estratégias “constituem-se por operações mentais de simplificação, através dos quais segmentos ou sequências que se mostram difíceis para a criança são substituídos por outros sem a propriedade complexa” (MATZENAUER; COSTA, 2017, p. 54). Nas palavras de Othero (2005, p. 1),

Em suas tentativas de produção de palavras tais quais ouvidas pelas produções dos adultos, as crianças tentam adaptar a forma das palavras de maneira que consigam produzi-las o mais próximo possível da fala adulta. Ou seja, as suas produções iniciais não são perfeitas, cópias fiéis da fala adulta, tampouco são desordenadas e caóticas; são antes tentativas de produções próximas à fala adulta. Essas tentativas contêm “erros” e desvios de pronúncia que podem mostrar muitas coisas: que estratégias a criança está utilizando para produzir determinados tipos de sons, qual a dificuldade que a criança está enfrentando para produzir outros tipos de sons e, muitas vezes, podem inclusive mostrar o nível de consciência fonológica da criança, por exemplo.

Para exemplificar aqui algumas estratégias de reparo, utilizam-se aquelas apontadas por Lamprecht (2004, p. 28):

No nível segmental:

- a dessonorização de obstruintes (ex.: ‘abre’ → [‘apil]);
- a anteriorização (ex.: ‘queijo’ → [‘kezu]);
- a posteriorização (ex.: ‘bolsa’ → [‘boʃa]);
- a semivocalização de líquidas (ex.: ‘cenoura’ → [‘noja]), ‘colo’ → [‘kɔwu], ‘folha’ → [‘foja]);
- a substituição de líquida, geralmente de não-lateral por lateral (ex.: ‘passarinho’ → [pasa’liju], ‘barraca’ → [ba’laka];
- a não-realização do segmento em onset simples (ex.: ‘sabonete’ → [‘eti], ‘rua’ → [‘ua]).



No nível silábico:

- a não-realização do segundo membro de um onset complexo (ou redução de encontro consonantal) (ex.: 'braço' → ['basu]);
- a não-realização da coda (ex.: 'carninha' → [ka'niŋa]);
- a metátese (ex.: 'verde' → ['vredʒi], 'dragão' → [da'grãw]);
- a epêntese (ex.: 'brabo' → [ba'rabu]);
- a não-realização de uma ou mais sílabas (ex.: 'dormindo' → ['mindu], 'dinossauro' → ['sawo]).

Essas estratégias são realizadas a partir dos 12 meses e podem durar até os 5 anos de idade, que é quando a criança começa, de fato, a dominar os segmentos da língua. Segundo Othero (2005, p. 4), esses processos acontecem de forma natural, inata e universal, pois todos os indivíduos que apresentam um desenvolvimento considerado normal, "em algum momento durante os primeiros anos de sua aquisição da linguagem, enfrentaram tais dificuldades e limitações."

Sobre a importância dos estudos que envolvem o conhecimento das estratégias de reparo, Othero (2005, p. 2) afirma que

[...] qualquer pesquisador interessado no estudo da fala da criança (linguistas, fonaudiólogos, psicólogos etc.) deveria conhecer a teoria dos processos fonológicos para melhor compreender algumas das estratégias utilizadas pelas crianças na aquisição fonológica de sua língua materna.

A próxima parte do trabalho tratará da metodologia utilizada nesta pesquisa que acompanha, em um estudo de caráter longitudinal, a aquisição da fala de uma criança, uma menina, no período de 11 meses a 1 ano e 9 meses de idade, realizando-se, portanto, um estudo de caso.

## Metodologia

O trabalho presente tem como referência inicial um estudo bibliográfico fundamentado em discussões teóricas e conceituais sobre a aquisição da linguagem como demonstrado na seção anterior. Além disso, à semelhança da maioria dos estudos em aquisição, esta pesquisa contou com uma coleta de dados.

Especificamente, realizou-se uma coleta longitudinal de fala com uma criança monolíngua, falante do português brasileiro, em um estudo de caso. Esse tipo de estudo "visa conhecer em profundidade o como e o porquê de uma determinada situação que

se supõe ser única em muitos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico.” (FONSECA, 2002, p. 33). Trata-se de uma menina, Maria, cujos dados foram coletados no período de 11 meses a 1 ano e 9 meses de idade (entre junho de 2018 e abril de 2019). Ressalta-se que esta criança é natural da cidade de Lavras (MG). Seus pais, estudantes universitários, são provenientes de Aiuruoca (MG). A escolha da criança analisada se deu por esta ser filha de uma das pesquisadoras deste estudo.

Esta pesquisa tem um caráter longitudinal, ou seja, é um “estudo que acompanha o desenvolvimento da linguagem de uma criança ao longo do tempo” (SCARPA, 2012, p. 242). Como se destacou, a pesquisa contou com gravações quinzenais com duração média de 30 minutos cada. Ao todo, foram 22 sessões de coleta de dados. Como afirma Scarpa (2012, p. 242), “registrando uma quantidade razoável da fala da criança de cada vez, pode-se ter uma amostra bastante representativa para se estudar como o conhecimento da língua pela criança é adquirido e/ou como muda com o tempo.”. Além disso, trata-se, aqui, de uma pesquisa qualitativa, que, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009, p. 31), “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.”.

É importante ressaltar que os estudos de Lamprecht (2004) apontam que, para confirmar se a criança adquiriu, de fato, determinado segmento ou classes de sons, é preciso que ela apresente, em média, 80% de produções corretas. O presente trabalho, por ser uma pesquisa qualitativa, não apresenta a contagem numérica ou percentual das produções, mas apresenta um aprofundamento das principais produções que foram realizadas pela criança em determinada idade, sem afirmar, contundentemente, se as produções sonoras foram adquiridas realmente ou não.

É ainda relevante mencionar que trabalhos que envolvem coletas de dados de aquisição fonológica exigem bastante atenção por parte do pesquisador. A pretensão, neste estudo, é coletar dados da fala espontânea, o que, conforme Grolla e Silva (2014, p. 94), “caracteriza-se por não guiar a fala da criança de modo a fazê-la produzir determinadas construções específicas”. Sendo assim, a criança deve ser observada em suas ações naturalísticas, para que se obtenham os dados necessários e esperados por esse tipo de estudo.

Nesta pesquisa, foram realizadas as gravações da fala da criança, utilizando-se um celular da marca Iphone, modelo SE. Em seguida, foram feitas as transcrições dos áudios-imagem de Maria. Foram usados objetos que ajudaram na produção espontânea da criança, como brinquedos musicais, brinquedos de madeira, bonecas, jogos, chocalhos, comidas, etc. Também serviu de ferramenta um diário de campo, para anotar observações sobre habilidades, o estado ou o comportamento da criança durante as coletas. Exemplos

de observações consideradas relevantes para o presente trabalho são habilidades motoras e atividades lúdicas que a criança apresentou nas coletas. É importante destacar que as gravações foram realizadas sempre no ambiente familiar perto dos pais, do irmão, dos avós e de pessoas próximas, para que a criança se sentisse à vontade para interagir e dialogar.

Como se mencionou, a coleta iniciou quando a criança estava com 11 meses e finalizou com 1 ano e 9 meses de idade. Vale considerar também que, em algumas coletas, a criança não se mostrava disposta, sendo assim, a gravação era interrompida para seu bem-estar. Em alguns períodos, também, ela estava em processo de dentição, o que a deixava mais introspectiva.

Depois das coletas realizadas, os dados foram transcritos e avaliados por meio de análise auditiva. Nessa análise, as gravações em áudio-vídeo foram ouvidas e vistas repetidas vezes, até se chegar à compreensão da fala da criança, para se proceder à transcrição dessa produção sonora. Na transcrição e análise dos dados, utilizou-se o programa de edição de textos Word (Microsoft). Em seguida, os dados transcritos e avaliados foram sintetizados em um quadro, apresentado na próxima seção, que demonstra: as principais produções sonoras realizadas, a idade da criança no momento da coleta, a transcrição fonética, o sentido dessas produções e observações do diário de campo sobre a coleta ou a criança. Essa organização implicou construir uma ordem cronológica de aquisição do português pela criança aqui analisada, o que será visto na análise dos dados e discussão dos resultados, a seguir.

## Aquisição fonológica em pesquisa longitudinal

Apresentamos, a seguir, a análise dos dados e a discussão dos resultados obtidos por meio da coleta de dados, explicitada na seção anterior. O Quadro 2, a seguir, sintetiza as principais produções fonológicas que foram realizadas pela criança investigada. Dessa forma, o quadro apresenta: as 22 coletas realizadas; a idade da criança no momento de cada coleta; as principais produções que ela realizou; a transcrição fonética e o sentido dessas produções e as observações do diário de campo relevantes para esta pesquisa.

Deve-se fazer a leitura do Quadro 2 da seguinte forma: por exemplo, na coleta 2, a idade da criança era de 11 meses e 17 dias (00:11;17), e a produção observada foi de balbúcio e da palavra *ae* → [a.é] → cadê. Já as observações mostram que a criança estava brincando com o irmão, desenvolvendo, dessa forma, atividades lúdicas. Outro exemplo é a coleta 8 em que a criança estava com 01:02;17 (um ano, dois meses e 17 dias). Nesta coleta, não houve ocorrências de produção de sons, pois a criança se mostrou sem disposição no momento da gravação. Veja-se, assim, o Quadro 2:

Quadro 2. Dados coletados: faixa etária 0:11;03 a 01:09;15

Coleta	Idade	Produção	Transcrição Fonética	Sentido	Observações do diário de campo
1	0:11;03	bababa	balbucio	—	primeiros passos sem apoiar, brinca com brinquedos: carrinhos, toquinhos de madeira.
2	0:11;17	ababa AÊ?	balbucio [a.'e]	— cadê?	brinca com o irmão de bola
3	1:00;03	Bumbum bum	balbucio	—	come banana com as mãos período de dentição
4	1:00;17	abubu O AI	balbucio [ 'o] [ 'aj]	— vou ai	gargalhadas, expressões faciais: sorriso, caretas, etc.
5	1:01;02	AÔ	[a.'o]	alô	sobre as escadas sozinha (sem apoio de adultos) com o apoio das mãos.
6	1:01;23	MAMÁ	[mæ.'ma]	mamãe	brinca com livros, brinquedos de madeira: toquinhos, carrinhos, casinha e mama.
7	1:02;04	AUAU BÓ	[aw.'aw] [bɔ]	auau Bob	brinca com potes: fecha e abre várias vezes.
8	1:02;20	(não ocorreu pronúncia)	—	—	não estava disposta para gravações.
9	1:03;01	Ó ATI ABU	[ 'ɔ] [a.'tʃi] [ 'a.bʊ]	olha aqui água	dança e emite sons vocais com ritmo.
10	1:03;15	(não ocorreu pronúncia)	—	—	não estava disposta para gravações.
11	1:04;03	MAMÃ FOFÓ	[mã.'mã] [fɔ.'fɔ]	mamãe vovó	faz carinho, dança, dá abraço.
12	01:04;19	TÁ MAMÁ PAPÁ	[ 'ta] [mæ.'ma] [pa.'pa]	ta mamá papai	o andar se mostra cada vez mais rápido e as brincadeiras com o irmão ficam cada vez mais harmônicas.
13	1:05;03	ABA	[ 'a.bə]	água	brinca de pega-pega com o irmão; solta gargalhadas.
14	01:05;18	VOVÓ	[vɔ.'vɔ]	vovó	corre; brinca com o cachorro, brinca de areia com o avô (gravação realizada no sítio dos avós).
15	1:06;00	ÃO IO A	[ 'ãw] [ 'iʊ] [ 'a]	irmão tio Rá	brinca com brinquedos de pelúcia e bonecas.
16	1:06;18	BÓPA AIAI	[ 'bɔ.pə] [aj.'aj]	bota ai ai	tenta colocar os sapatos sozinha, se mostra cada vez mais independente.



Coleta	Idade	Produção	Transcrição Fonética	Sentido	Observações do diário de campo
17	1:07;05	MAMÃE PAPAI BÉDI COCO SISI	[mã.'mãj] [pa.'paj] [ 'bɛ.di] [co.'co] [si.'si]	mamãe papai Bédi coco xixi	brinca com o irmão e com o cachorro (Bédi) na água e na areia (gravação realizada no sítio dos avós).
18	1:07;20	PACA PÓCA	[ 'pa.cə] [ 'pɔ.cə]	vaca pipoca	brinca e interage enquanto o irmão vê desenho (ainda não demonstra interesse por tv).
19	1:08;00	PODI AI ADÊ? NENÉM PACA TAVO	[ 'pɔ.di] [ai] [a.'de] [ne.'nẽej] [ 'pa.cə] [ 'ta]	pode ai cadê? neném vaca ta	brinca com o irmão de correr e pular (já consegue pular com os dois pés).
20	1:08;15	VOVÓ APÉ DADE PAUM BÓITI OVO	[vɔ.'vɔ] [a.'pɛ] [ 'da.di] [ 'pãw] [ 'bɔj.ti] [ 'o.vɔ]	vovó pé soledade pão bota de novo	pula; bate palmas; roda (se mostra cada vez mais habilidosa).
21	1:09;00	Ó AU AU POCO DÊ? MÃO ÃO I	[ 'ɔ] [aw.'aw] [ 'pɔ.kʊ] [ 'de] [ 'mãw] [ 'ãw] [ 'i]	olha o auau pouco cadê? irmão João Davi	brinca com o violão, com avós e tios (gravação realizada na casa dos avós).
22	1:09;15	VOVÔ CACÁ QUÉ PAIA MÁ PESSI SOEDADE TADA POTI	[vo.'vɔ] [cə.'ca] [ 'quɛ] [ 'paj.ə] [ 'ma] [ 'pe.si] [so.e.'da.di] [ 'ta.də] [ 'pɔ.ti]	vovô Cacá Quer praia mar peixe soledade cantada pote	pula; brinca na água e na areia; brinca com brinquedos de plástico; corre; brinca com o irmão (gravação realizada em uma viagem para a praia)

O Quadro 2 apresenta todas as produções coletadas neste estudo. A fim de interpretar esses dados, optou-se por promover a discussão em separado, por classes sonoras, tendo como foco analisar o desenvolvimento fonológico da criança, levando em consideração, principalmente, a cronologia de aquisição fonológica, sintetizada no Quadro 1 (OLIVEIRA *et al*, 2004, p. 171) apresentado. Sendo assim, passa-se à análise, detalhada na seguinte ordem: o balbucio, a aquisição das vogais, a aquisição das nasais, a aquisição das plosivas e a aquisição das fricativas.

## Balbuício

A primeira ocorrência de produção de sons observada nos dados da criança participante foi o balbuício, que é a produção de sons vocálicos e consonantais realizada de forma repetitiva. De acordo com os estudos de Jakobson (1967 *apud* MILANO; FLORES, 2015, p. 66) “trata-se de um mecanismo das formas de linguagem de berço que pode funcionar como índice da passagem do balbuício à palavra, visto que a repetição aponta para a instanciação de uma ‘entidade semântica’”.

Pode-se observar nas coletas 1, 2, 3 e 4 – entre 00:11:03 e 01:00:17 – que Maria produziu: “bababá”, “ababá”, “bumbumbum” e “abubu”, respectivamente. Desta forma, o segmento consonantal [b] seguido das vogais [a, u, ~u] foram produzidos no padrão silábico CV – consoante/vogal, havendo também a ocorrência de sílaba V com a vogal “a”.

Uma curiosidade a respeito desses dados é que, ao mesmo tempo em que a criança produzia o balbuício, também começava a pronunciar suas primeiras palavras, como na coleta 2, com a palavra *aê* → [a. 'e] → *cadê* e, na coleta 4, em que ela produziu *ai!* (interjeição) e a palavra *o* → [o] → *vou*. Outro aspecto a ser observado nas coletas é que a criança também estava desenvolvendo habilidades motoras, sociais, paralelamente às habilidades linguísticas: os primeiros passos, brincando com o irmão, fazendo expressões faciais, entre outros. Esse é um dado importante que dialoga com a perspectiva teórica deste estudo que considera outras habilidades que não somente a linguística no processo de aquisição da linguagem (SCARPA, 2012; BYBEE, 2001).

Assim, percebeu-se que à medida em que a criança aumentava a produção de palavras da língua, ela diminuía a vocalização do balbuício. “É nesse momento que se percebe a linha de corte entre aquilo que é produzido indistintamente como ‘explosão de balbuício’ – a criança é capaz de produzir qualquer som de qualquer língua do mundo.” (MILANO; FLORES, 2015, p. 68).

## Aquisição das vogais

Conforme Bonilha (2004b, p. 65), os segmentos vocálicos são os primeiros a serem adquiridos pela criança. Começa com a aquisição da vogal [a] e “somente aos 1:08 todo o sistema vocálico do português está adquirido.”

Frota e Name (2017, p. 52) afirmam que “o sistema fonológico do Português integra um conjunto de sete vogais: /i e ε a u o ɔ/”. As vogais /a, e/ foram as primeiras a serem produzidas pela criança investigada com 00:11:17, como mostra a coleta 2 com a produção da palavra *aê* → [a. 'e] → *cadê*. De acordo com os estudos de Bonilha (2004b),

a aquisição fonológica de /a/ acontece com 1 ano e 2 meses, mas pode-se observar que Maria já estava apresentando esse som. A respeito da realização da vogal [e], nota-se um fato curioso: a criança não apresentou outras produções com o emprego dessa vogal nas coletas seguintes à coleta 2 e só ocorreu produção, novamente, na coleta 19, com a idade 1:08 com as palavras: *ade* → [a.'de] → cadê e nene → [ne.'ne] → neném.

Em seguida, a coleta 4 mostra que as vogais [o, i] foram pronunciadas com 1 ano e 17 dias. Neste dado, a produção encontrada foi de o → ['o] → vou e ai → ['aj] → ai (no sentido de interjeição). É importante dizer que os dados dos estudos de Bonilha (2004b) mostram que a aquisição da vogal [o] acontece com 1 ano e 3 meses, e a aquisição da vogal [i] com 1 ano e 2 meses. Já a vogal [u] foi produzida em seguida das vogais [o, i], com a idade de 1:02;04. A produção observada foi *auau* → [aw.'aw] → cachorro, como mostra a coleta 7. Já a pronúncia da vogal média [ɔ] foi observada na mesma coleta, em que Maria produziu bó → ['bɔ] → Bob (nome do cachorro), 4 meses mais cedo do que previsto pela autora. Em seguida, na coleta 17, a criança apresentou o fonema [ɛ] com 1 ano 7 meses e 5 dias, quando pronunciou a palavra *bédi* → ['bɛ.di] → *bédi* - nome do cachorro com que ela brincava no momento da coleta.

Sobre as estratégias de reparo do conjunto vocálico, observou-se que foram aplicadas poucas vezes pela criança. Conforme Bonilha (2004b, p. 69), esse processo realizado na aquisição dos segmentos consonantais “pouco é aplicado quando a vogal-alvo não é realizada. Isso ocorre porque as vogais ocupam a posição de núcleo silábico, portanto, apagá-las implica o apagamento de toda a sílaba.” Além disso, a autora afirma que 95% das produções vocálicas mostram ser corretas. Assim, os processos fonológicos apresentam uma ocorrência muito baixa nos dados deste estudo. Foram observadas estratégias de reparo em vogais, na palavra *bóita* → ['bɔj.tə] → *bota* que sofreu um processo de ditongação com o acréscimo da vogal [i] e na palavra *aivi* → ['aj.vi] → *árvore*, em que ocorreu o apagamento da vogal postônica [o].

### Aquisição das nasais

A segunda classe de sons que a criança investigada apresentou foram as consoantes nasais, o que confirma os estudos de Fronza (1998) que diz que a aquisição das nasais acontece antes da aquisição das plosivas. Entretanto, há de se ressaltar que essa visão não é unânime, havendo estudos, como o de Rangel (1998), que apontam o contrário, que a aquisição das plosivas acontece primeiro e, em seguida, a das nasais.

Maria apresentou primeiro o segmento nasal [m] com 1:01;23, como pode-se observar na coleta 6. A palavra produzida foi mamá → ['ma.ma] → mamá. Já o segmento nasal /n/ apareceu mais tarde, com 1 ano e 8 meses (coleta 19). Assim, os dados confirmam os estudos de Rangel (1998) e Freitas (2004) que mostram que aquisição fonológica das nasais acontece até 1 ano e 8 meses.

Sobre os processos fonológicos realizados durante a aquisição das consoantes nasais, Freitas (2004, p. 79) afirma que são menos frequentes, o que “comprova a facilidade com que esses segmentos são adquiridos por falantes do português brasileiro”. Sendo assim, foi observado que, na coleta 15, ocorreu a estratégia de reparo de apagamento da sílaba átona pré-tônica [ir] e de apagamento da nasal inicial [m] na palavra ão → ['ãw] → irmão, de modo que a criança produziu o ditongo nasal da sílaba tônica apenas. Um fato interessante é que, na coleta 21, a criança pronunciou a mesma palavra, porém sem o apagamento da nasal [m]: mão → ['mãw] → *irmão*. Esse dado aponta para um processo de aquisição gradual (BYBEE, 2001), com a criança se desenvolvendo em direção à fala alvo do adulto.

### Aquisição das plosivas

Observou-se que a plosiva [b] foi produzida por Maria com 1:02;04, como demonstra a coleta 7, com a produção de bóbi → ['bɔ.bi] → bob (nome do cachorro com que ela estava brincando no momento da coleta). Em seguida, na coleta 9, com 1 ano e 3 meses e 1 dia, a criança também pronunciou [b], em ába → ['a.bə] → água. A segunda plosiva apresentada pela criança foi [t]. Também com 1:03;01 (coleta 9), ela falou ati → [a.'tʃi] → aqui. Em coletas seguintes, também foram observadas produções com [t], em tá → ['ta] → tá, tavo → ['ta.vʊ] → Gustavo e tada → ['ta.də] → cantada.

Já o /p/ apareceu como a terceira plosiva que Maria pronunciou. Com 1:04;19 (coleta 12), ela falou papa → [pa.'pa] → papai. Sobre a aquisição da plosiva /d/, a criança realizou produções quando estava com 1 ano e 7 meses e 5 dias (coleta 17) com a pronúncia de bédi → ['bɛ.di] → Bédi. Uma curiosidade a respeito dessa coleta é que a criança produzia [d] de forma dental. Já com 1 ano e 8 meses (coleta 19) foi registrado o som de /d/ na palavra adê → [a.'de] → cadê e dade → ['da.di] → Soledade. Em seguida, o primeiro registro da produção plosiva dorsal /k/ aconteceu com 1 ano e 7 meses e 20 dias (coleta 18) com a produção de poca → ['pɔ.kə] → pipoca. Sendo assim, com 1 ano e 9 meses, a criança já pronunciava as plosivas /b, p, t, d, k/. Uma observação interessante é que não obtivemos registros da plosiva /g/. Assim, pode-se afirmar que a não produção do /g/ nesses dados confirma os estudos de Bonilha (2004b), a qual assevera que a aquisição das plosivas dorsais é tardia.



Sobre as estratégias de reparo observadas, verificou-se a ocorrência do processo de anteriorização que “é a substituição de uma consoante palatal ou velar por uma alveolar ou labial.” (OTHERO, 2005, p. 8). Maria apresentou, assim, preferência em pronunciar o /t/ no lugar de /k/, como pode ser observado na palavra *ati* → [a.'ti] → *aqui*. Na pronúncia de palavras, como *água*, também foi observado processo de substituição por anteriorização, de [g] por [b]: *abu/aba* → ['a.bu][ 'a.bə] → *água*. Além disso, ocorreu a pronúncia de *paca* → ['pa.cə] → *vaca*, o que demonstra uma substituição por anteriorização, de /v/ por /p/.

### Aquisição das fricativas

Oliveira (2004, p. 84) afirma que as fricativas “são consoantes produzidas com passagem de ar sem que os articuladores obstruam completamente a boca”. A primeira fricativa apresentada nos dados foi /f/ e em seguida /v/. A primeira ocorrência do fonema /f/ registrada foi quando Maria estava com 1:04;03 (coleta 11), em que pronunciou *fofó* → [fə.'fə] → *vovó*. A estratégia de reparo utilizada foi uma dessonorização pré-vocálica, tendo em vista que a fricativa labiodental sonora /v/ foi substituída pela fricativa labiodental surda /f/.

Já a primeira ocorrência do fonema /v/ aconteceu quando Maria estava com 1:05;18 (coleta 14) com a palavra *vovó* → [və.'və] → *vovó*. Com 1 ano e 8 meses (coletas 19 e 20), nota-se a pronúncia da fricativa /v/ com maior frequência, o que pode indicar que a aquisição fonológica está sendo estabelecida. Sobre estratégias de reparo utilizadas na produção do fonema /v/, foi observado que, com 1:08 (coleta 19), Maria pronunciou *paca* → ['pa.cə] → *vaca*. Assim, nota-se que a ela pronunciou a plosiva /p/ no lugar da fricativa /v/. Esse processo é chamado de plosivização, tendo em vista que “é a substituição de uma consoante fricativa ou uma africada por uma consoante plosiva.” (OTHERO, 2005, p. 9). Foi observado um processo de apagamento de sílaba inicial CVC também na palavra *tavo* → ['ta.və] → *Gustavo*.

Assim, pode-se afirmar que as primeiras fricativas produzidas pela criança, no período de coleta, foram as labiais /f/ e /v/, o que dialoga com os estudos de Oliveira (2004), para quem essas são as primeiras fricativas adquiridas. De acordo com a autora, os fonemas /s/, /z/, /ʃ/ e /ʒ/ são adquiridos depois da aquisição dessas fricativas, sendo que o “[...] /s/ encontra-se adquirido aos 2:06, o /z/ aos 2:0, o /ʃ/ aos 2:10 e o /ʒ/ aos 2:06” (OLIVEIRA, 2004, p. 88). No período de coleta, foi observado que a criança pronunciou apenas a fricativa /s/, porém nas duas ocorrências, o som de /s/ substituiu o fonema /ʃ/. A primeira ocorrência foi com 1 ano e 7 meses e 5 dias (coleta 17) com a produção de *sisi* → [si.'si] → *xixi* e, depois, com 1:09;15 (coleta 22), em que Maria pronunciou *pessi* → ['pe.si] → *peixe*.

## Considerações finais

A análise empreendida neste trabalho indicou que a criança Maria demonstrou um desenvolvimento típico na aquisição fonológica (LAMPRECHT *et al.*, 2004). Avaliada em um estudo longitudinal, essa criança apresentou uma cronologia da produção fonológica na seguinte ordem: balbucio, vogais, consoantes nasais, plosivas e, por fim, fricativas. Este estudo demonstra, seguindo Lamprecht *et al.* (2004), que a análise por classes de sons (nasais, plosivas etc.) é profícua, por permitir generalizações sobre a aquisição para um conjunto de sons.

Foi possível observar regressões nas produções sonoras da criança que indicam que a aquisição ocorre de forma descontínua e não linear (LAMPRECHT, 2004). Como foi visto, por exemplo, na produção da vogal [e], Maria produziu esta vogal com 11 meses e 17 dias, porém ela só apresentou novamente a produção de [e] com 1 ano e 8 meses, nas palavras *ade* → [a.'de] → *cadê* e *nene* → [ne.'ne] → *neném*. É importante mencionar que essas regressões só podem ser observadas em um estudo de método longitudinal com um mesmo indivíduo, visto que no estudo transversal não é possível perceber tais ocorrências. Desta forma, destaca-se a importância de estudos como este, de caráter longitudinal, para aprofundar a compreensão de momentos de regressão e de descontinuidade (e não linearidade) na aquisição da linguagem.

Além disso, pode-se afirmar que Maria aprendia a falar ao mesmo tempo em que desenvolvia atividades lúdicas, habilidades motoras e de interação social, o que se relaciona com a perspectiva teórica aqui adotada (BYBEE, 2001; SCARPA, 2012).

Ademais, notou-se que Maria fez uso das estratégias de reparo na aquisição da fala, as quais auxiliam a criança na produção de sons ou grupos de sons com que tenha dificuldade (OTHERO, 2004). As estratégias encontradas na pesquisa foram as seguintes: acréscimo de vogal, apagamento de vogal, apagamento de sílaba átona pré-tônica, apagamento de nasal inicial, substituição sonora, dessonorização pré-vocálica, plosivização e apagamento da sílaba CVC. Destaca-se que as estratégias de reparo sinalizam que a aquisição sonora ocorre de maneira gradual e não abrupta, tendo em vista que os sons não são produzidos, da primeira vez, como a fala alvo do adulto, mas vão sendo adquiridos gradualmente (BYBEE, 2001; FERRARI, 2011). Nos dados analisados, a palavra *irmão* aponta para essa aquisição gradual. Se, na coleta 15, ela ocorre como *ão* → ['ãw] – com a criança utilizando como estratégia de reparo o apagamento da sílaba inicial e da vogal nasal [m] – na coleta 21, ela ocorre mais próxima da fala alvo, como *mão* → ['mãw] – apresentando apenas o apagamento da sílaba inicial. Trabalhos futuros poderiam se deter nesse aspecto da aquisição gradual, por exemplo, investigando, em um conjunto

significativo de palavras, várias produções sonoras de uma criança para um mesmo item léxico, em diferentes coletas de dados, com a realização de um estudo longitudinal.

## REFERÊNCIAS

- BONILHA, G. F. G. **Aquisição fonológica do português brasileiro**: uma abordagem conexionista da teoria da otimidade. 2004. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004a.
- BONILHA, G. F. G. Sobre a aquisição das vogais. *In*: LAMPRECHT, R. *et al.* (org.). **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artmed, 2004b. p. 61-71.
- BYBEE, J. **Phonology and Language Use**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- CHOMSKY, N. **A Review of B. F. Skinner's Verbal Behavior**. Prentice-Hall: Language, 1959.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: Apostila, 2002.
- FREITAS, G. C. M. Sobre a aquisição das plosivas e nasais. *In*: LAMPRECHT, R. R. **Aquisição fonológica do português**: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004. p. 73-82.
- FRONZA, C. de A. **O nó laríngeo e o nó ponto de C no processo de aquisição normal e com desvios do português brasileiro**: a existência de uma tipologia. 1998. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- FROTA, S.; NAME, C. Questões de percepção da língua materna. *In*: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (org.). **Aquisição de língua materna e não materna**: questões gerais e dados do português. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 35-50.

- | Aquisição fonológica do Português: um estudo longitudinal

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GROLLA, E.; SILVA, M. C. F. **Para Conhecer Aquisição da Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2014.

KAIL, M. **Aquisição de Linguagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2013.

LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAMPRECHT, R. R. Antes de mais nada. *In*: LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 17-32.

CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. E. Aquisição da linguagem. *In*: MARTELOTTA, M. E. *et al.* **Manual de Linguística**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. p. 207-215.

MATZENAUER, C. L.; COSTA, T. Aquisição da fonologia em língua materna: os segmentos. *In*: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (org.). **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 51-70.

MILANO, L.; FLORES, V. N. Do balbúcio às primeiras palavras: continuidade e descontinuidade no devir de um falante. **Revista Eletrônica PUCRS**, Porto Alegre, 2015. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/fale/index>. Acesso em: 28 mai. 2019.

OLIVEIRA, C. C. *et al.* Cronologia da aquisição dos segmentos e das estruturas silábicas. *In*: LAMPRECHT, R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 167-176.

OLIVEIRA, C. C. Sobre a aquisição das fricativas. *In*: LAMPRECHT R. R. *et al.* **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para a terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004. p. 83-94.



OTHERO, G. de A. Processos fonológicos na aquisição da linguagem pela criança. **ReVEL**, 2005. Disponível em: [https://revel.inf.br/files/artigos/revel\\_5\\_processos\\_fonologicos.pdf](https://revel.inf.br/files/artigos/revel_5_processos_fonologicos.pdf). Acesso em: 20 maio 2019.

PIAGET, J. **A equilibração das estruturas cognitivas: problema central do desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RANGEL, G. **Uma análise auto-segmental da fonologia normal: estudo longitudinal de 3 crianças de 1:6 a 3:0**. 1998. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SCARPA, E. M. A. Aquisição da Linguagem. *In*: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (org). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2012. p. 241-271.

SIM-SIM, I. Aquisição da linguagem: um olhar retrospectivo sobre o percurso do conhecimento. *In*: FREITAS, M. J.; SANTOS, A. L. (org.). **Aquisição de língua materna e não materna: questões gerais e dados do português**. Berlin: Language Science Press, 2017. p. 3-31.

SKINNER, B. F. **Verbal behavior**. New York: Appleton-Century-Crofts, 1957.

STAMPE, D. **A dissertation on natural phonology**. 1973. Tese (Doutorado) – Chicago University, 1973.

TORETI, G.; RIBAS, L. P. Aquisição fonológica: descrição longitudinal dos dados da fala de uma criança com desenvolvimento típico. **Letrônica**, 2010. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/viewFile/7097/5463>. Acesso em: 10 mai. 2019.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jéferson Luiz Camargo; revisão técnica José Cipolla Neto. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

- | Aquisição fonológica do Português: um estudo longitudinal

---

COMO CITAR ESTE ARTIGO: GOMES, MARTINS, Raquel Márcia Fontes; MARIANO, Lara Fernandes. Aquisição fonológica do Português: um estudo longitudinal. **Revista do GEL**, v. 17, n. 2, p. 148-169, 2020. Disponível em: <https://revistadogel.gel.org.br/>

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/gel.v17i2.2742>

Submetido em: 10/10/2019 | Aceito em: 24/07/2020.

---